

Mulford sugere ao

Economia

CORREIO BRAZILIENSE

Brasil apressar acordo

O subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, recomendou ontem ao Governo brasileiro que conclua um acordo o mais rápido possível com os bancos privados internacionais. Só um entendimento com os banqueiros garantirá ao Brasil investimentos estrangeiros em grande quantidade, disse Mulford, durante almoço com o ministro da Economia, Márcio Marques Moreira, e um grupo de 37 autoridades brasileiras, entre ministros de Estado, líderes dos partidos no Congresso e funcionários do segundo escalão do Executivo. Do encontro, realizado no edifício-sede do Banco do Brasil, participou também o embaixador norte-americano, Richard Melton.

Segundo os ministros da Infra-Estrutura, João Santana, e da Educação, José Goldemberg, Mulford citou o México como exemplo de país que resolveu com habilidade o problema da dívida externa. Ao invés de prolongar as negociações com os bancos, na tentativa de obter pequenos ganhos, os mexicanos apressaram o acordo, mesmo enfrentando críticas internas, e hoje estão em boa situação financeira, conforme o subsecretário norte-americano. A entrada de capital externo, que era de 500 milhões de dólares por ano em média antes do acordo, hoje chega a 5,5 bilhões de dólares anuais.

"O ótimo é o inimigo do bom", afirmou Goldemberg, interpretando as palavras de Mulford. O subsecretário norte-americano, além de passar o recado às autoridades brasileiras, cumpriu o roteiro oficial, divulgado ontem pelo Ministério da Economia: elogiou o programa econômico do Brasil, enfatizando que o Governo está no rumo certo ao abrir a economia e tentar integrá-la ao mundo desenvolvido.

Comparando a trajetória brasileira e uma partida de basquete que é disputada em quatro quartos, Mulford disse que só falta o Brasil vencer o último quarto (a negociação com os bancos) para atingir seus objetivos de curto prazo. O acordo com os bancos vai se refletir no plano interno de maneira fundamental. No México, lembrou Mulford, os juros internos caíram entre 12 e 18 por cento, possibilitando investimentos estratégicos para aquele país.

JUNIOR BARON



Mulford elogia economia do país

Sem discursos — Não houve discursos durante o almoço, considerado "leve", por alguns participantes. Mulford expôs seus pontos de vista ao responder perguntas de parlamentares. Sobre as vantagens da conversão de dívida externa em investimentos, o subsecretário disse que ela funcionou bem no México, mas não quis opinar sobre o assunto no caso do Brasil.

Mulford abordou também problemas financeiros internacionais, dizendo que acha difícil um

acordo rápido na área de comércio, porque o Congresso norte-americano não permite grandes concessões da parte dos Estados Unidos. Nesse momento, alguns parlamentares brincaram dizendo que o Governo brasileiro também não pode fazer muitas concessões por causa do Congresso.

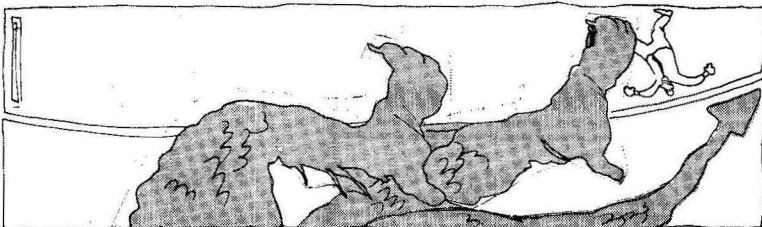
Outro momento de descontração foi provocado pelo deputado Nelson Marquezelli (PTB-SP), que se queixou a Mulford do pesado imposto (492 dólares por tonelada) cobrado das importações de laranja pelos Estados Unidos, o que prejudica os exportadores brasileiros. Os presentes riram da intervenção de Marquezelli e Mulford desconversou. No mais, o subsecretário disse que o Brasil é fundamental no desenvolvimento da América Latina e que não se deve temer a canalização de recursos dos países desenvolvidos exclusivamente para o Leste Europeu.

Mulford reservou ainda algumas palavras para o ministro Márcio Marques Moreira, a quem chamou de amigo. O subsecretário recordou sua viagem ao Brasil, há vinte anos, quando fez negócios com o Banco de Investimentos Brasileiro (BIB), então dirigido por Moreira. "Não sei se o negócio foi bom, mas fiz um grande amigo", disse Mulford.

Subsecretário reconhece avanços

■ **Inflação** — "A inflação já começa a dar sinais de queda. O importante, a partir de agora, é manter firme a execução do programa de reformas", enfatizou ser necessário o apoio do Congresso, da imprensa e de toda a sociedade para prosseguir nas reformas econômicas.

■ **Dívida** — "O Brasil deve buscar um acordo o mais rápido possível com os bancos privados. As vantagens do acordo superariam ganhos adicionais com uma negociação mais demorada. As vantagens seriam: aumento dos investimentos externos, queda dos juros, volta do dinheiro de brasileiros depositado no exterior e criação de um clima interno favorável à retomada das atividades econômicas".



■ **Tarifas** — "O governo americano apóia o programa de abertura da economia. A posição do Brasil é muito clara nesse campo, apesar de alguns acharem que a abertura poderia ser mais rápida".

■ **Investimentos** — Mulford disse que a América Latina, com 700 milhões de habitantes e um Produto Interno Bruto de 6,5 trilhões de dólares, é uma região estratégica para a definição dos investimentos dos EUA no exterior. Assim que o País chegar a um acordo com os bancos, os investimentos estrangeiros no Brasil aumentarão.